

# *Metamorfoses dos narradores machadianos – entre defuntos, burros e filósofos*

Osmar Pereira Oliva | Unimontes

*Resumo: Este trabalho pretende analisar algumas metamorfoses dos narradores nas crônicas de A Semana. Por meio das memórias de defuntos ou pela voz de burros, os narradores realizam uma reflexão sobre a filosofia da contemplação e criticam o sistema de governo do século XIX.*

*Palavras-chave: narrador, crônicas, filosofia, burros, defuntos.*

## 1. Meditações sobre a República e sobre a abolição

Em crônica de 8 de abril de 1894, Machado de Assis inicia o texto dialogando com o seu leitor, justificando o motivo de escrever sobre um espetáculo que, para ele, seria tão interessante, enquanto para alguns, poderia ser vulgar, porventura torpe. Trata-se de ter o narrador encontrado, um dia antes, na quinta-feira à tarde, na praça 15 de Novembro, um burro caído, magro, meio morto. Diante do animal, sua ração diária e última: um pouco de capim, uma lata de água. Para o narrador, pareceu-lhe “que o burro fazia exame de consciência. Indiferente

aos curiosos, como ao capim e à água, tinha no olhar a expressão dos meditativos. Era um trabalho interior e profundo.”<sup>1</sup>

Emprestando voz ao burro, ou à consciência dele, a crônica reflete que o animal nenhum dano ou mal havia causado aos homens. Nessa reflexão, declara que nenhum golpe de Estado teria sido dado a seu favor. Ironicamente, referindo-se à monarquia, à democracia e à oligarquia, afirma que, qualquer que seja o regime, “ronca o pau.” De sua “boa personalidade”, ressalta a teimosia, a passividade e a submissão. Quanto às suas boas ações, o burro teria servido aos namorados e afastado os devedores para longe dos credores importunos. E mais, teria ensinado filosofia a muita gente: “Esta filosofia que consiste na gravidade do porte e na quietação dos sentidos.”<sup>2</sup>

Retomando a voz narrativa, o cronista generaliza que os burros possuem dotes reflexivos e morais. E, se já foi constatado que as abelhas e as formigas possuem, coletivamente falando, instituições políticas superiores e mais racionais que as dos homens, não sucederia o mesmo ao burro, que é maior? No dia seguinte, voltando à praça 15 de Novembro, o narrador informa que o burro já estava morto. De tarde, já nem cadáver existia, e arremata: “Assim passam os trabalhos deste mundo.”<sup>3</sup>

De acordo com o senso comum, o burro é um animal extremamente forte e resistente, o que o capacita para os trabalhos mais árduos e para as cargas mais pesadas, ao mesmo tempo em que é um dos seres mais ignorantes e irreflexivos. Machado de Assis, no entanto, opera um deslocamento radical desses pré-juízos, e suspende o sentido pejorativo a que estamos acostumados e nos lança – homem e burro – naquele ponto de partida cartesiano, segundo suas *meditações*, no qual se instala a dúvida metafísica para que se instaure o *cogito*: Eu penso, eu sou. “Mas o que sou eu, portanto? Uma coisa que pensa. Que é uma coisa que pensa? É uma coisa que duvida, que concebe, que afirma, que nega, que quer, que não quer, que imagina também, e que sente.”<sup>4</sup>

Esse ser, deslocado assim do seu lugar de origem, expressa-se como uma substância pensante, finita, capaz de realizar um exame de consciência, portanto, no plano da subjetividade, para concluir: “Por mais que vasculhe a consciência, não acho pecado que mereça remorso. Não furtei, não menti, não matei, não caluniei,

1. MACHADO DE ASSIS, 1961, v. 27, p. 73.

2. MACHADO DE ASSIS, 1961, v. 27, p. 75.

3. MACHADO DE ASSIS, 1961, v. 27, p. 76.

4. DESCARTES, 1973, p. 130.

não ofendi nenhuma pessoa.”<sup>5</sup> A análise psicológica, interior, alarga-se para o mundo exterior, e esse ser que passa a vida a limpo, em busca de compreensão de si mesmo e para o seu estado de abandono, pode também emitir um juízo de valor, pois que passara desse plano de imanência, de onde pode parar, pensar, duvidar, indagar, para o plano da consciência: Eu sou! Essa voz que fala pelo burro pode, dessa maneira, analisar com clareza e distinção que, em qualquer tipo de governo, sofrem os mestiços, os pobres e os desvalidos. Não é aleatória a designação de praça 15 de Novembro para o espaço onde se desenvolvem as “meditações” do cronista e do burro filósofo. Menos de seis anos se passaram desde a abolição da escravatura e da proclamação da república, dois marcos importantes para a sociedade brasileira.

Se a crônica revela, indubitavelmente, a descrença do narrador no novo sistema de governo, que deixa morrer à míngua (algum capim, uma lata d’água) esses seres marginais do processo histórico, que alegoria outra o animal caído representa? Seria pouco convincente atribuir já um sentido a essa representação metamorfoseada apenas por esse texto. No entanto, encontramos uma relação direta com outra crônica, de 10 de junho de 1894, portanto dois meses depois, o que confirma que essa alegoria teria um sentido especial para Machado de Assis.

O cronista inicia o seu texto informando ao leitor de que encontrara, um dia antes, em seu jardim repleto de rosas, um burro, o que lhe lembrou imediatamente a história *O asno de ouro*, de Lucius da Tessália. Em vez de um burro caído, quase morto, agora um burro humanizado, falante, cuja voz materializa-se em forma de diálogo com o narrador, para com ele altercar, enfrentar-se de igual para igual. Confundido com Lucius,<sup>6</sup> o burro metamorfoseado abana as orelhas e contexta: “– Não me chamo Lucius.” O narrador indaga-lhe: “– Então o nome de Vossa Senhoria”? A que o burro responde: “– Também não tenho senhoria.”<sup>7</sup>

A essa provocação, o animal ironiza que nomes somente se dão a cavalos, e quase exclusivamente a cavalos de corrida; burro de cidade, que puxa

5. MACHADO DE ASSIS, 1961, v. 27, p. 73.

6. Referência à obra *O asno de ouro*, de Apuleius Lucius, que escreveu uma pseudo-autobiografia narrando as aventuras do jovem Lucius, vitimado de bruxaria na Tessália, região da Grécia; Lucius vê a bruxa Pamphile tomando uma poção mágica e metamorfoseando-se em uma coruja. Ele seduz então uma dama de companhia da bruxa e, por meio dela, rouba a poção. No entanto, em vez de coruja, o aventureiro se transforma em um burro, mantendo ainda a consciência e os desejos humanos. O retorno à forma humana se dá quando o animal se alimenta de rosas, daí as alusões de Machado de Assis.

7. MACHADO DE ASSIS, 1961, v. 27, p. 113.

bonde ou carroça não tem nome. O burro informa ao narrador as últimas notícias da Inglaterra, critica o ensino de língua estrangeira, quando deveria ser ensinada a língua nacional. Mas há exemplos a ser seguidos de outros países, como a atribuição de penalidades àqueles que maltratavam os animais. É nesse sentido que o burro, consciente da influência que o seu interlocutor exerce na imprensa, solicita a sua intervenção, escrevendo sobre os maus tratos que os brasileiros dão aos animais: “Eu sei que o senhor se dá com gente de imprensa, e vim aqui para lhe pedir que interceda por mim e por uma classe inteira, que devia merecer alguma compaixão...”<sup>8</sup> Em sua fala, o burro diz que podem ser condenados os de sua espécie que roubam ovos ou dormem nas ruas, mas que condenem também aqueles que não lhes dão comida suficiente, ou, ao contrário, lhes dão pancadas em excesso. E lança ao narrador um trocadilho bastante irônico: “O burro ama só a pele; o homem ama a pele e a bolsa; dê-se-lhe na bolsa; talvez a nossa pele padeça menos.”<sup>9</sup>

Quem seriam esses seres que recebiam pouca comida e muita pancada? Quem seriam esses irreflexivos animais de carga que roubavam ovos e dormiam pelas ruas do Rio de Janeiro do final do século XIX? Aqui, o leitor atento terá vislumbrado os primeiros reflexos para compreensão da alegoria do burro caído na praça 15 de Novembro, da crônica anterior. Se não, cito um trecho da crônica que, por si mesmo, estabelecerá o vínculo interpretativo entre alegoria e realidade social do Brasil oitocentista: “Não nos abandone, como no tempo em que os burros eram parceiros dos escravos. Faça o nosso Treze de Maio. [...] Lincoln dos teus maiores, segundo o evangelho de Darwin, expede a proclamação da nossa liberdade!”<sup>10</sup>

Após esse apelo ao mesmo tempo consciente e doloroso, o cronista promete que faria algo em favor dessa causa, e pediu ao burro que aguardasse o *Gazeta* do dia seguinte. Vimos que a crônica se inicia informando ao leitor que o narrador havia encontrado, no dia anterior, um burro em seu jardim de rosas. Assim, cumpriu-se a sua promessa, pois a crônica “de hoje” é o seu quinhão para a causa dos abandonados seres de carga, representados pelo burro metamorfoseado e, para os que não acreditavam em um engajamento de Machado de Assis às causas abolicionistas e do negro recém-liberto, as duas crônicas refletem a sua preocupação com esses brasileiros, ainda que o autor de *D. Casmurro* tivesse a consciência, e nós a compreensão, de que não é essa a função primordial da literatura.

8. MACHADO DE ASSIS, 1961, v. 27, p. 114.

9. MACHADO DE ASSIS, 1961, v. 27, p. 117.

10. MACHADO DE ASSIS, 1961, v. 27, p. 117.

## 2. Meditações filosóficas: um narrador entre o céu e o inferno

*Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881) é considerado pela maioria dos críticos brasileiros como o mais bem elaborado romance de Machado de Assis, em relação à técnica de construção da narrativa – que combinou tão bem as inovações de um defunto autor, que narra suas memórias começando pela sua morte – e o ceticismo galhofeiro do anti-herói Brás Cubas, o qual coloca em derrisão não apenas a sociedade hipócrita de sua época, mas também critica as reminiscências de um Romantismo piegas e ingênuo ainda em voga no cenário literário brasileiro. Segundo José Guilherme Merquior, Machado de Assis foi o introdutor da perspectiva problematizadora, da visão do mundo radicalmente crítica e reflexiva: “O tom cáustico do livro o afastava muito dos exemplos nacionais de idealização romântica, enquanto seu humorismo ziguezagueante, a sua estrutura insólita impediam qualquer identificação com os modelos naturalistas”.<sup>11</sup>

O crítico, além de apontar o tom carnalizante da obra, que muito nos interessa nesta análise, estabelece diferenças entre o humor simpático e sentimental de Sterne e o travo angustiante, essencialmente irônico de Machado. Outro dado relevante no texto de Merquior é a afirmação da presença do cômico-fantástico em *Memórias póstumas de Brás Cubas* como herança da sátira menipéia, de Luciano de Samósata, autor dos *Diálogos dos mortos*. Curiosamente, a irrupção do fantástico se dá no capítulo VII, intitulado “O delírio”. Nesse capítulo, o narrador relata o seu delírio e como ele foi arrebatado por um hipopótamo em direção à origem dos séculos. Nesse delírio, o animal assume formas humanas, no sentido de poder dialogar com o seu cavaleiro, que lhe interroga, em tom galhofeiro, se o animal é descendente do cavalo de Aquiles ou da asna de Balaão.<sup>12</sup> O hipopótamo apenas abanou as orelhas, num gesto de zombaria da ingenuidade do seu companheiro. Levado ao alto de uma montanha, Brás Cubas vê passar diante de seus olhos “uma redução dos séculos, e um desfilar de todos eles, as raças todas,

11. MERQUIOR, 1991, p. 5.

12. O cavalo de Aquiles teria conversado com o herói, avisando-o de sua morte. A mula de Balaão, segundo a Bíblia, teria visto um anjo quando o profeta se dirigia para Israel a fim de amaldiçoar essa nação. O animal adquiriu o poder da palavra e o censurou, o que conduziu Balaão à conversão e a abençoar Israel. Ambos os casos são interessantes exemplos de como, por meio de animais, os homens são chamados à consciência, assim como Machado de Assis o faz nas duas crônicas que ora analisamos.

todas as paixões, o tumulto dos impérios, a guerra dos apetites e dos ódios, a destruição recíproca dos seres e das coisas. Tal era o espetáculo, acerbo e curioso espetáculo”.<sup>13</sup> Depois de ver tanta calamidade ao longo dos séculos, restou a Cubas um grito de angústia e um acesso de riso, descompassado e idiota.

Desse capítulo, gostaria de ressaltar três itens que servirão à nossa compreensão das crônicas em que o tema do narrador-defunto será retomado: o sonho/delírio, o deslocamento do narrador a um lugar imaginário, e o diálogo dos mortos. Os três itens articulam-se ao gênero fantástico e à carnavalização. Tzvetan Todorov afirma que o fantástico é parte integrante da realidade, porém regida por leis desconhecidas e se caracteriza pela irrupção brutal do mistério no quadro da vida real.<sup>14</sup> A partir dessa intervenção inexplicável por leis naturais, desencadeia-se uma ruptura com a ordem estabelecida no cotidiano. É importante ressaltar, também, que o fantástico deve ser compreendido como uma poética, e reivindica, pois, um modo de leitura, uma interpretação da realidade.

Montgomery José de Vasconcelos, comentando Bakhtin, afirma que a literatura carnalizada associa-se diretamente à literatura fantástica, e sofreu influência dos diferentes tipos de folclore carnavalesco, constituindo-se como um gênero cômico-sério. Nesse sentido, esse tipo de literatura toma como ponto de partida de interpretação a própria realidade, ainda que predomine a fantasia livre, pois as narrativas podem conduzir o leitor a uma reflexão séria sobre o tempo e sobre a sociedade em que vive. Como já antecipamos, de forma bastante abreviada, sua origem está nas sátiras menipéias, nas quais os heróis “põem o mundo de cabeça para baixo, sobem aos céus e descem aos infernos, errando por vários países fantásticos e desconhecidos”.<sup>15</sup>

Machado de Assis foi um dos continuadores da literatura carnalizada e fantástica no Brasil. Podemos comprovar essa afirmação em romances, em crônicas e, principalmente, nos contos machadianos.<sup>16</sup> O defunto narrador criado em 1881

13. MACHADO DE ASSIS, 1991, p. 22.

14. TODOROV, 1975, p. 30.

15. VASCONCELOS, 1996, p. 26.

16. A esse respeito, ver o livro *Machado de Assis: um escritor na capital dos trópicos*, de Patrícia Lessa Flores da Cunha (1998). Nessa obra, a autora discute as relações das narrativas breves de Machado de Assis (os contos) com a poética de Edgar Allan Poe, e realiza um interessante estudo sobre o fantástico nesses dois autores.

retornará nas crônicas de 12 de fevereiro e 27 de agosto de 1893. Na primeira, o narrador começa o texto brincando com o seu leitor:

Faleci ontem, pelas sete horas da manhã. Já se entende que foi sonho; mas tão perfeita a sensação da morte, a despegar-me da vida, tão ao vivo a caminho do céu, que posso dizer haver tido um antegosto da bem-aventurança. Ia subindo, ouvia já os coros dos anjos, quando a própria figura do Senhor me apareceu em pleno infinito.<sup>17</sup>

Utilizando o imaginário religioso cristão, Machado de Assis descreve um Deus com uma ânfora nas mãos onde espremera algumas dúzias de nuvens grossas e as derramava sobre a cidade, antecipando as procissões com essa finalidade, pois “a sabedoria divina mostrava conhecer bem o que convinha ao Rio de Janeiro...”<sup>18</sup> O narrador se alegra com esse ato, pois livraria a cidade de alguns transtornos de saúde e permitiria aos seus patrícios ter um bom carnaval. E aproveita para informar ao leitor a origem dessa festa popular, trazida de Portugal na época da colonização, sob o nome de entrudo:

Eram tinas d'água, postas na rua ou nos corredores, dentro das quais metiam à força um cidadão todo, – chapéu, dignidade e botas. Eram seringas de lata; eram limões de cera. Davam-se batalhas porfiadas de casa a casa, entre a rua e as janelas, não contando as bacias d'água despejadas à traição. Mais de uma tuberculose caminhou em três dias o espaço de três meses. [...] O limão de cera, que de longe podia escalavrar um olho, tinha um ofício mais próximo e intimamente secreto. Servia a molhar o peito das moças; era esmigalhado nele pela mão do próprio namorado, maciamente, amorosamente, interminavelmente...<sup>19</sup>

A crônica assume um tom dialógico, freqüentemente utilizado por Machado, e as falas são intercaladas entre o defunto, à porta do céu, e São Pedro, que lhe interroga:

– Guardaste para ti tesouros escondidos no céu ou na terra? – perguntou-me.  
– Se crer em tesouros escondidos na terra é o mesmo que escondê-los,

17. MACHADO DE ASSIS, 1961, v. 26, p. 227.

18. MACHADO DE ASSIS, 1961, v. 26, p. 228.

19. MACHADO DE ASSIS, 1961, v. 26, p. 229.

confesso o meu pecado, porque acredito nos que estão no Morro do Castelo, como nos cento e cinquenta contos fortes do homem que está preso em Valhadolide.<sup>20</sup>

A referência ao morro do Castelo relembra uma crença popular que encontra ressonância histórica com a expulsão dos jesuítas, no século XVIII. O morro de fato existiu, onde havia também uma igreja dos jesuítas. No entanto, visando à urbanização da cidade e uma melhor organização visual e espacial, a igreja fôra demolida e o morro aplainado. Ao povo, restou a crença de que, na época da reforma de Pombal, os jesuítas teriam escondido seus tesouros antes de serem expulsos do Brasil. Diz-nos o narrador:

Imaginei a chegada da ordem que expulsava os jesuítas. Os padres do colégio não tinham tempo nem meios de levar as riquezas consigo; depressa, depressa, ao subterrâneo, venham os ricos cálices de prata, os cofres de brilhantes, safiras, corais, as dobras e os dobrões, os vastos sacos cheios de moeda, cem, duzentos, quinhentos sacos. Puxa, puxa este Santo Inácio de ouro maciço, com olhos de brilhantes, dentes de pérolas; toca a esconder, a guardar, a fechar...<sup>21</sup>

20. MACHADO DE ASSIS, 1961, v. 26, p. 230. John Gledson (1999) afirma que as alusões freqüentes nas crônicas machadianas tornam quase impossível a leitura delas sem as notas explicativas. Machado de Assis, leitor assíduo dos vários jornais que se publicavam no país, mencionava episódios lidos como se o seu leitor também tivesse conhecimento desses acontecimentos, e cita como exemplo exatamente a história do homem de Valhadolide, publicado no jornal *O Paiz*. Segundo Gledson, tratava-se de um texto publicado no dia 6 de fevereiro de 1893, narrando a história de um homem que tinha roubado os fundos financeiros de um regimento durante uma revolta militar na Espanha, tinha fugido com eles para o Brasil, onde enterrara grande parte do dinheiro. Ao retornar à Espanha para cuidar da família, o homem foi preso e encarcerado. De lá, escrevera a um funcionário da estação, propondo uma partilha a quem quisesse desenterrar esse tesouro. Muitos foram escavar nos arredores da estação, sem nada encontrar, o que gerou uma espécie de “novo conto do vigário”. Mas pode ser também uma referência ao frei Luís de Granada, que, ao realizar um estudo crítico dos evangelhos, fôra preso em nome da inquisição, em 1563, na Espanha. Com medo dos inquisidores, o frei refaz os seus escritos, o que lhe valeu o dito popular “Por Valhadolide nem ao céu quisera ir”. Nessa crônica, à porta do céu, o narrador prefere continuar com suas crenças terrenas e seus mistérios a aceitar o céu.

21. MACHADO DE ASSIS, 1961, v. 26, p. 231.

São Pedro interrompe indignado o relato do narrador e o alerta que a imaginação dos homens é perversa. Segundo o santo, os homens sonham facilmente com dinheiro, quando deveriam se preocupar com o tesouro no céu, onde a traça e a ferrugem não consomem. O pretendente ao céu contesta, afirmando que não era o dinheiro que lhe fascinava em vida, e sim o mistério. Em um tom jocoso, São Pedro diz que reconhece o amor do seu interlocutor pelo mistério, então que lhe explicasse por que um grande número de almas que partiu para o Brasil retornou ao céu sem poder se incorporar. O narrador responde que deve ser obra de um médico italiano – o qual estava esterilizando mulheres no Rio de Janeiro, a fim de diminuir a população brasileira e favorecer a imigração italiana. De maneira anedótica e galhofeira, Machado de Assis toca na questão da imigração pós-abolição – porém privilegiando a estrutura fantástica e carnalizante da crônica, elaborada essencialmente a partir do imaginário e da cultura popular. Ao final da narrativa, São Pedro despede o narrador, afirmando que ele é muito tagarela, e o céu é dos grandes silêncios contemplativos.

No mesmo ano, no dia 12 de fevereiro, Machado voltará ao tema do narrador-defunto, desta vez para criticar o cientificismo da época, que procurava explicar todas as coisas do ponto de vista da experiência, da prova científica, biológica. O narrador relata que, ao chegar à rua do Ouvidor, soube que um empregado do correio adoecera do cólera. A doença atingia outras pessoas e tomava o rumo de uma epidemia.<sup>22</sup> Segundo um homem com quem conversou o narrador, a enfermidade era provocada por um bacilo, que logo foi denominado de bacilo vírgula. Aí começa o fantástico e a carnalização narrativa, pois o bacilo tomava forma física visível a olhos nus, e corria abaixo, acima, no ar, no chão, nas paredes, metia-se por baixo das mesas, nos chapéus, nas malas, em tudo. À noite, o narrador diz que começara a ler Dante e teve um terrível pesadelo. Sonhou que fôra esganado por uma vírgula: “Morto em poucos minutos, descí ao inferno, enquanto cá em cima me amortalhavam, encaixotavam e levavam ao cemitério.”<sup>23</sup>

No inferno, o defunto-autor encontra-se com Epicuro e Demócrito, dois filósofos gregos que teorizaram a doutrina dos átomos, segundo a qual tudo no mundo é regido pela matéria. Enquanto na primeira crônica o narrador sobe aos céus, nesta dá-se uma descida, caracterizando o rebaixamento carnalizante.

22. John Gledson (1999, p. 288) informa que, na época em que a crônica foi escrita, havia uma epidemia mundial de cólera, com notícias alarmantes nos mais diversos países, as quais chegavam ao Brasil, de forma aterrorizante, por meio dos imigrantes.

23. MACHADO DE ASSIS, 1961, v. 26, p. 364.

inferno assume uma significação especial porque o morto atravessa vários círculos e será batizado em filosofia por Epicuro e Demócrito. De certa forma, o inferno representa um mergulho na profundidade da alma humana, da própria consciência, para compreender a verdade das coisas. A ironia do narrador se acentua quando acorda do pesadelo, na manhã seguinte, e corre aos jornais para saber quantos teriam morrido de cólera durante a noite: “Soube que nenhum; suspeita e medo, nada mais. Entretanto, choviam conselhos e vinham descrições, não só do bacilo vírgula, mas de todos os outros, causas das nossas enfermidades. Li tudo a rir.”<sup>24</sup> Como se vê, pelo processo da carnavalização, o narrador põe-se a ridicularizar o excesso de cientificismo, que procura explicar e reduzir tudo aos bacilos. Tudo é bacilo. Tudo é matéria. No entanto, não há nada novo nessa doutrina, uma vez que os filósofos antigos já haviam teorizado o mundo a partir dos átomos, ou seja, bacilo e átomo é a mesma coisa. A ciência nada descobriu nem ninguém morreu por isso.

O narrador concluirá de sua experiência pós-morte que, se o bacilo constrói um grande escritor, como Dante, pode construir também um verme, que mata as pessoas. De qualquer forma, resta a compensação da possibilidade de ele, o cronista, possuir também o bacilo do gênio – um Dante brasileiro? Ao final da crônica, resume-se a doutrina: “Tudo é bacilo no mundo, o que está dentro do homem, no homem e fora do homem. A terra é um enorme bacilo, como os planetas e as estrelas, bacilos todos do infinito e da eternidade, – dous bacilos sem medida de alguém que quer guardar o incógnito.”<sup>25</sup>

O que está dentro do homem é a sua vontade, a ação, que tanto pode reger o funcionamento dos rins e do coração, como pode conduzir a um grande acontecimento, a exemplo da vitória de Napoleão na batalha de Iena. Aqui, percebemos claramente a reflexão que Machado de Assis procura realizar, conduzindo o leitor ao raciocínio lógico que passa do mais imaterial (as idéias, o discurso, a vontade) ao que é mais material, palpável (os livros, o homem, a terra). E o leitor, o que deve concluir dessa doutrina passada em revista? Talvez as últimas linhas da crônica nos dêem essa resposta, se considerarmos que o mundo se constitui de coisas materiais e de coisas imateriais – de que o positivismo, o determinismo e o darwinismo não se aperceberam. Para o cronista de 1893, os planetas e as estrelas eram inatingíveis física e materialmente, mas representavam o infinito e a eternidade – dois bacilos sem medida de alguém que quis guardar o incógnito.

24. MACHADO DE ASSIS, 1961, v. 26, p. 366.

25. MACHADO DE ASSIS, 1961, v. 26, p. 369.

*Résumé: Cette étude vise à examiner certaines métamorphoses de narrateurs dans les chroniques de La Semaine. À travers des mémoires des morts ou de la voix des ânes, les narrateurs discutent la philosophie de la contemplation et critiquent le système de gouvernement au dix-neuvième siècle.*

*Mots-clés: narrateur, chroniques, philosophie, ânes, morts.*

#### *R e f e r ê n c i a s*

CUNHA, Patrícia Lessa Flores da. *Machado de Assis: um escritor na capital dos trópicos*. Porto Alegre: Ed. Unisinos, 1998.

DESCARTES, René. *Obra escolhida*. Trad. J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1973.

GLEDSON, John (Org.). *Machado de Assis – A Semana*. São Paulo: Hucitec, 1999.

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Ática, 1991.

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. *Obras completas de Machado de Assis*. São Paulo: Mérito, 1961. v. 26 e 27.

MERQUIOR, José Guilherme. O romance carnavalesco de Machado. In: MACHADO DE ASSIS, José Maria. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Ática, 1991. p. 5-9.

TODOROV, Tzvetan. *Introdução à literatura fantástica*. São Paulo: Perspectiva, 1975.

VASCONCELOS, Montgomery José de. *A poética carnavalizada de Augusto dos Anjos*. São Paulo: AnnaBlume, 1996.